



Kitab al-Amthal: arena de disputa em *Lavoura arcaica*

Kitab al-Amthal: Arena of Dispute in *Lavoura arcaica*

Bruno Curcino Mota*

Resumo: *Lavoura arcaica*, de Raduan Nassar, é um desses cumes da literatura brasileira que de forma bastante explícita traz na composição, na matéria textual, fortes marcas do “Código dos códigos da literatura ocidental” que a cultura judaica nos legou. Nesse artigo, interessa-nos ver como os provérbios, alguns muito próximos do Kitab al-Amthal bíblico, foram apropriados pela “sintaxe enrijecida” do severo pai, no romance, e subvertidos dos mesmos na língua luciferina do filho rebelde, André. O confronto de vozes potencializa a tensão nesse romance tornando-o, para dizer com Mikhail Bakhtin, “uma arena em que os discursos se confrontam”.

Palavras-chave: *Lavoura arcaica*. Kitab al-Amthal (Provérbios). Poética.

Abstract: *Lavoura arcaica*, by Raduan Nassar, is one of those Brazilian literature peaks that explicitly brings in its composition, in its textual issue, strong traces from “Code of the codes of the occidental literature”, which the Judaic culture left to us. In this article, we are interested in seeing how the proverbs, some very close to the biblical Kitab al-Amthal, have been appropriate considering the “toughened syntax” used by the strict *Lavoura arcaica*’s father and subverted from the same ones in the Luciferin language by his rebellious son, André. The conflict of voices increases the tension in this novel, making it, according to Mikhail Bakhtin, “a arena in which the discourses are confronted”.

Key-words: *Lavoura arcaica*. Kitab al-Amthal (Proverbs). Poetics.

1 Provérbios: rifoneiro da lei ou poesia da sagacidade?

James Obelkevich (1997, p. 7) faz uma apreciação que nos interessa na leitura que faremos sobre o uso de expressões proverbiais em *Lavoura arcaica*. Segundo ele, “existem lições para a história social não apenas nos provérbios e em seus usuários, mas também em relação àqueles que os rejeitaram e no significado dessa rejeição.” O historiador faz um passeio pela literatura e pelos gêneros retóricos (discursos judiciais, políticos, prédicas eclesiais) na Europa para mostrar os altos e baixos pelos quais passaram os provérbios na apreciação das camadas cultas da sociedade, até porque o registro (e inevitável traços de oralidade dos provérbios) foi mantido, muitas vezes, nos vários gêneros discursivos escritos, assim como nas muitas compilações feitas por estudiosos



do folclore ou da linguagem popular. O olhar moderno, a língua/pensamento, que foi se tornando cada vez mais abstratizante, parece, por vezes, se esquecer do caldo de cultura oral e, portanto, do uso de provérbios, máximas, adágios que perfaz a obra de gênios como Rabelais, Cervantes e Shakespeare, por exemplo.

Se, como pensa Mikhail Bakhtin (1998, p. 13-44), as formas literárias não podem ser desvinculadas da dimensão maior da unidade cultural, do chão histórico e social no qual os falares nascem e se desenvolvem, convém pensar o húmus que permite o aflorar dos ditos proverbiais. Para Obelkevich, os provérbios:

São [...] um gênero oral, muitas vezes perspicazes e astutos, empregando uma enorme amplitude de recursos [...] poéticos no âmbito de sua extensão limitada. Metáfora, ritmo, aliteração, assonância, construções binárias: estes e outros recursos criam, na forma de provérbios, um eco do sentido. [...] compacto e fácil de ser memorizado, o provérbio serve como veículo não só do conhecimento moral, mas também do prático, [...]. (OBELKEVICH, 1997, p. 44-45).

Lauand, ao enfatizar sobretudo a dimensão moral desses textos, pensa seu papel numa espécie de “educação invisível” do sujeito, educação que leve em conta todas as dimensões do ser-agir do homem, e não só o desenvolvimento de algumas faculdades intelectivas. Eis uma observação contundente do estudioso:

Enquanto o ocidental cultua a razão racionalista e persegue a lógica, que, afinal, organizam e universalizam a expressão, o árabe valoriza a sugestão, a insinuação. As múltiplas realidades suscitadas pela palavra terão a marca da percepção individual, ficando preservada a intimidade e a autenticidade da relação do homem com o mundo. Por isso, tantos desacertos do ocidental ao interpretar cartesianamente a expressão árabe. [...] Auxiliada por incisivos provérbios e metáforas, a língua árabe [...] muitas vezes, supera a fria razão em captação da realidade. (LAUAND, 1997, p. 9-10).

Essa oposição tem alguma validade na confrontação das falas paternas com o tónus rebelde que explode em certa modernidade das teses de André, o “filho pródigo de *Lavoura arcaica*”. O *mathal*, fenômeno marcante da linguagem semítico-árabe, possui as seguintes marcas fundamentais:



peculiar uso da frase nominal, associação imediata, a flexão das raízes, o pensamento confundente, a metátese, o papel da imagem concreta e a ligação com o passado. [...] a essas características estruturais somam-se outras, culturais, próprias da mentalidade árabe como [...] o apreço pelas narrativas, pelo juramento. (LAUAND, 1997, p. 24).

Várias dessas características são encontradas nos provérbios bíblicos e nas falas de Iohána, o patriarca de *Lavoura arcaica*. No *Kitab al-Amthal*¹ surgem, inclusive, referências metalinguísticas como em *Provérbios 22, 20-21* (BJ):

Não te escrevi trinta capítulos
sobre conselhos e conhecimento,
para te ensinar a certeza de palavras verdadeiras
e poderes responder com verdade ao que te envia?²

Dois desses elementos – associação imediata e pensamento confundente – podem ser refinados e colocados a serviço da análise literária. A associação imediata Lauand (1997, p. 42) aproxima do que seriam nossas frases nominais, e cita versos de Tom Jobim para exemplificar, sobretudo, o final de “Águas de março”, em que haveria uma “orientalização” tal que o verbo ser desapareceria:

Pau, pedra, fim, caminho
Resto, toco, pouco sozinho
Caco, vidro, vida, sol
Noite, morte, laço, anzol

Lauand acrescenta que seria nos provérbios que o ocidental mais se aproxima dessa forma lapidar de traduzir o real e os dilemas humanos que as cápsulas de *mathal* carregam. Ainda que reconheça que nem todos os versos têm tons poético, Alter (1985), ao falar dos provérbios bíblicos, usa um termo bastante positivo, *poetry of wit*, que poderíamos traduzir como poesia da sagacidade, poemas, ditados espirituosos.

Rocha (1995, p. 150) refere-se à “sedução produzida pelos elementos prosódicos e mnemônicos dos provérbios” que, aliados a uma fala de autoridade, teriam potencializado o poder de persuasão. O que não podemos esquecer é que, no fio do discurso romanesco, os provérbios ganham maleabilidade, passam à fala citada e deles o personagem pode fazer o uso que for mais adequado. Se para o pai cada provérbio é uma pedra robusta com a qual constrói sua catedral discursiva, André falará em “pedra amorfa que ele [o pai] não sabia tão modelável nas mãos de cada um [...]” (p. 44).³



Há um adágio libanês que diz: “Os provérbios nunca mentem”, ao que ironicamente poderíamos contrapor, tomando emprestado o “verbo oleoso” de André: mas omitem. As falas de lastro tradicional têm a pretensão de fechar a interpretação, obturar qualquer falta, soldar as rupturas. A cunha crítica de André procura justamente as fissuras no muro paterno, o não fechamento dos dizeres, a possibilidade de “manipular” a palavra alheia para ampliar a fenda que desnude o corpo inteiro da família. A associação imediata está em total consonância com a “ausência” do verbo ser na língua árabe: “em vez dos longos e complicados discursos lógico-gramaticalmente articulados ocidentais, encontramos um rápido e cortante suceder de *flashes* em frases nominais provenientes de uma imaginação fulgurante com a irresistível força da imagem concreta.” (LAUAND, 1997, p. 41).

Quanto ao pensamento confundente (que não tem aqui nenhum sentido pejorativo), Lauand (1997, p. 43), citando Julian Marias, afirma: “uma das mais interessantes descobertas [...] é a do *pensamento confundente* [grifo nosso]: confundir é uma função tão necessária quanto distinguir, porque permite descobrir as conexões entre realidades que, por outro lado, é necessário distinguir”. A capacidade de confundir é potencializada nas estruturas linguísticas árabe-semíticas: “a mesma palavra ou, mais amplamente, o mesmo radical tri-consonantal, *confunde* (de um ponto de vista ocidental) em si, diversos significados, oferecendo-nos a oportunidade de apreensão de relações de significado até então insuspeitadas.” (LAUAND, 1997, p. 44).

Lauand nos dá um exemplo formidável dos arabescos de sentido que são possíveis (e isso está nas possibilidades estruturais da língua) em torno dos radicais S.L.M. da palavra Salam (ou em hebraico, Sh-L-M de Shalom), que o ocidental costuma traduzir por “paz”. Acompanhemos sua explanação:

Em torno desta raiz, S-L-M, confundem-se na linguagem – e no pensamento [...] –, entre muitos outros, os significados de: integridade no sentido físico e moral (*SaLyM* é o íntegro); saúde (e fórmula universal de saudação), normalidade (o plural SáLiM na gramática é o plural regular); salvação (“sair-se são e salvo”, mas também salvação no sentido religioso); submissão, aceitação (de boa ou má vontade), daí iSLaM e muSLiM (muçulmano); acolhimento; conclusão de um assunto; paz, etc. (LAUAND, 1997, p. 45)

Não nos escapa que, do ponto de vista dos gêneros discursivos, a fórmula dos provérbios, dos adágios, esteja mais próxima das construções poéticas. Alter, conhecedor do hebraico, o assume: “[...] Cada provérbio segue uma linha



poética, e os limites da linha são claramente marcados pelas simetrias do significado, sintaxe, e ritmo que por sua vez é quase uma completa congruência entre a divisão tradicional em versos e a atual linearidade poética.”⁴ (ALTER, 1985, p. 163.) Mas, note-se que o poético está submetido ao funcionamento romanesco, que lhe imprime (ao tom poético) maior dialogicidade, daí a insistência em investigar a diferença dos provérbios nos lábios paternos e sua retomada paródica na língua de André.

O rifoneiro paterno tem uma cadência, um ritmo que emula o fraseado dos provérbios bíblicos; a inculcação ideológica, que era facilmente absorvida pelo galho direito daquele tronco familiar, tem a pretensão de atingir

a perfeição [...] em um tipo de verso elaborado para transmitir a sabedoria dos anos. O poeta didático não quer criar redemoinhos e correnteza no fluxo sereno da sua língua, porque a sabedoria, por ela mesma, deriva de um senso de ordem balanceado, distinção segura, consequência assegurada de atos específicos e posturas morais.⁵ (ALTER, 1985, p. 164).

2 Em torno da mesa, a frágua do tempo

Analisemos, portanto, uma das principais peças discursivas que têm por voz-figura central o pai para confirmarmos as ressonâncias da tradição sapiencial em suas palavras. Trata-se do capítulo nove do romance, praticamente dez páginas compactas fornecedoras dos motes que ressoam por todo o livro, seja nas palavras de Pedro (o enviado para resgatar a ovelha perdida), seja entranhados na voz de André.

Como defende Darmrosh (1997, p. 80-81) em relação ao *Levítico*, terceiro livro da Bíblia, a “cartilagem [aparentemente] insossa” que se entremeia a fulgurantes momentos de narrativa histórica não é necessariamente uma excrescência. Há, por parte dos narradores bíblicos, uma habilidade em intercalar os ditames legislativos e a história – “longe de interromper a narrativa, as leis a completam, e a história existe em razão das leis para as quais serve de moldura”. Respeitadas todas as diferenças entre esse gênero “híbrido” (narrativa legislativa/ narrativa histórica) que é o *Levítico* e o romance *Lavoura arcaica*, podemos dizer que é o conjunto de ditames do pai que funda e dá sentido à história de André. As leis paternas não são simplesmente um conjunto de fórmulas exóticas das quais uma parte da família (o ramo esquerdo) quer se livrar. O sal daquele verbo áspero impregnou a carne-corpo de toda a família. Ele só não foi incorporado com a mesma pureza por todos os filhos, o discernimento e apropriação que cada membro faz dessa lei é que responde pelo processo de individuação ideológica de cada um deles.



A cena enunciativa que o romance nos franqueia não deve ser menosprezada. O longo sermão paterno é emoldurado por preciosas observações de André; a introdutória: “Que rostos mais coalhados, nossos rostos adolescentes em volta daquela mesa: o pai à cabeceira, o relógio de parede às suas costas, cada palavra sua ponderada pelo pêndulo, [...] os sinos graves marcando as horas”. (p. 53.)

Ora, é nesse momento propício de reunião familiar, antes do alimento que há de nutrir os corpos, à cabeceira da mesa, que o pai lança as sementes de sua pregação. Na fala que conclui o capítulo, André lembra da “majestade” dos gestos do pai. Os sujeitos-terra que hão de receber o grão-verbo germinativo, como se comportam? Rostos coalhados “endurecidos”, sérios, de quem se obriga o máximo de atenção? Lívidos? Há aqui um sutil detalhe que deixa entrever como André polemiza com o pai. O narrador atribui a todos os rostos uma “máscara mortuária” que era, sobretudo, sua. O romance, na sua totalidade e na representação dessa cena da mesa, mostra a árvore familiar dividida em dois galhos – o da direita, representado pelos filhos obedientes, ou, no diálogo com os Evangelhos, a terra fértil; e o da esquerda, principiando com o broto protuberante que era a mãe, o dos rebeldes, os que rejeitam (mesmo em silêncio) a palavra do pai. De forma sub-reptícia, André quer fazer crer que Pedro, seguido de Rosa, Zuleika e Hudá sofriam as vergastadas daquela voz, mas não comungavam, no sentido mais profundo dessa palavra, o saber e sabor daquele maná verbal.

A voz, ordenada, é cadenciada pelo ritmo regular do relógio. O que o pai parece, por vezes, se esquecer, bem como os pregadores de todas as latitudes, é que os sujeitos-ouvintes não são passivos, são seres desejantes que podem oferecer aos seus discursos contrapalavras. Há a imaginação, o devaneio, e o sujeito pode, nesse pretenso escutar, correr por outras pastagens. Em outro *flash* da memória, para falar de vozes que concorriam com as familiares na disputa de seu coração-mente, André confessa: “de que adiantavam aqueles gritos [da família], se mensageiros mais velozes, mais ativos, montavam melhor o vento, corrompendo os fios da atmosfera?” (p. 14).

Pensando a tessitura de temporalidades em *Lavoura arcaica*, Wells (2007, p. 64-65) chama a atenção para a “poderosa presença do relógio”. Parafraseando-a, podemos dizer que há um embate entre a linearidade desse tempo do relógio, da paciência, da maturação desejada pelo pai, e o tempo dos jovens, da impetuosidade, o tempo psíquico e, por que não dizer, físico, do sujeito rebelde – “a impaciência também tem os seus direitos.” (p. 90).

O fragmento do discurso romanesco, que estamos chamando de moldura para o sermão paterno, consiste já em uma enunciação. Ainda que não esteja totalmente localizada espacio-temporalmente, é possível deduzir que se trata



do destilar da memória dos acontecimentos pregressos diante de Pedro, o representante da figura paterna. Portanto, a fala do pai é uma enunciação dentro da enunciação. A forma como o capítulo se inicia – “Que rostos mais coalhados...” – e depois a rápida passagem do discurso indireto (que segundo Bakhtin é analítico) para o direto, que produz um efeito de presentificação. O tom é oracular, nessas palavras que fazem o elogio do tempo:

O tempo é o maior tesouro de que um homem pode dispor; embora inconsumível, o tempo é o nosso melhor alimento; [...] o tempo é contudo nosso bem de maior grandeza: não tem começo, não tem fim; é um pomo exótico que não pode ser repartido, podendo entretanto prover igualmente a todo mundo; onipresente, o tempo está em tudo [...]. (p. 53).

Na tradição sapiencial bíblica, a sabedoria é intrínseca ao *modus operandi* do Criador e, portanto, se faz presente, conferindo lógica e perfeição a toda obra criada, conforme *Provérbios* 8, 22-23 (BJ):

Iahweh me criou, primícias de sua obra,
de seus feitos mais antigos.
Desde a eternidade fui estabelecida,
desde o princípio, antes da origem da terra.

Os estudiosos de poética bíblica sabem que a visão harmônica e otimista tantas vezes expressa no livro de *Provérbios* será problematizada no próprio corpo escriturístico; os exegetas falam em uma espécie de crise da sabedoria, em livros como *Jó* e *Eclesiastes*. Ecos dessa crise e as formas como se enuncia também comparecem de modo dialógico em *Lavoura arcaica*. Mas voltemos ao labor paterno:

[...] existe tempo, por exemplo, nesta mesa antiga: existiu primeiro uma terra propícia, existiu depois uma árvore secular feita de anos sossegados, e existiu finalmente uma prancha nodosa e dura trabalhada pelas mãos de um artesão dia após dia; existe tempo nas cadeiras onde nos sentamos, nos outros móveis da família, nas paredes de nossa casa, na água que bebemos, na terra que fecunda, na semente que germina, nos frutos que colhemos, no pão em cima da mesa, na massa fértil dos nossos corpos, na luz que nos ilumina, nas coisas que nos passam pela cabeça, no pó que dissemina, assim como em tudo que nos rodeia. (p. 54).



O objeto escolhido para falar da frágua do tempo é a mesa, justamente aquela em torno da qual se realiza uma semeadura de palavras. Da terra propícia ao móvel em sua funcionalidade, a força motriz do tempo atuando regularmente. Note-se que, na sequência do discurso, o tempo é matéria e também escultor de diferentes objetos – as paredes da casa, a água, a terra que fecunda, a semente que germina, os frutos, o pão, a “massa fértil dos nossos corpos”.

Depois dessa “introdução”, grande parte do sermonário organiza-se em torno de adágios que, tanto semântica como formalmente, encontram farta ressonância no livro de *Provérbios*. O pai age como um “mestre de parábolas” (*Qohélet*, 12, 11), e seu discurso poderia ser dividido em duas partes. Na primeira, enfatiza-se a paciência, o equilíbrio, a confiança no caráter retributivo do mundo, mas, na segunda metade, o tom é mudado, Iohána parece usar o “‘martelo’ do Sapiente [...] um aguçado agulhão de pastor [...], pronto a ferrotear o comodismo piedoso de ovelhas timoratas.” (CAMPOS, 1991, p. 17.) A “casa da Sabedoria”, que é o próprio ser do homem, com todas as ressonâncias que seu falar-agir tem, não pode ser erguida somente numa atitude de passividade e aceitação; a última parte inicia-se com um programa de ação: “mas ninguém no seu entendimento há de achar que devemos sempre cruzar os braços, pois em terras ociosas é que viceja a erva daninha.” (p. 58.)

Vejamos mais ditames do pai e suas possíveis fontes em *Provérbios*; eis o seu rifão sobre a verdadeira riqueza:

[...] rico não é o homem que coleciona e se pesa no amontoado de moedas, e nem aquele, devasso, que se estende, mãos e braços, em terras largas; rico só é o homem que aprendeu, piedoso e humilde, a conviver com o tempo, aproximando-se dele com ternura, [...] não se rebelando contra o seu curso, não irritando sua corrente, estando atento para o seu fluxo, brindando-o antes com sabedoria para receber dele os favores e não a sua ira. (p. 54).

Por mais que a cena enunciativa esteja bem delineada, com a hierarquia dos lugares bem marcada, é interessante como o discurso tem um caráter genérico, parece soar num outro tempo e lugar, ou melhor – atemporalmente. Não nos esqueçamos que esses provérbios são falas citadas, foram apropriados pelo sujeito do discurso e colocados a serviço de seu tom emocional-volitivo. A fala paterna tenta operar uma sutura, reafirmar um lugar de origem, balizas que mantenham a unidade da família, fincadas no rifoneiro dos antigos. Segundo Rocha (1995, p. 150-151), o falante muitas vezes usa o provérbio como um escudo, “que por sua natureza de verdade geral, não refere, nem fere (pelo



menos não explicitamente)”, e acrescenta: “sua essência de verdade geral incontestável, proveniente de uma fonte de sabedoria admitida como infalível, [...] faz dele uma arma apreciada na argumentação”.

A voz que interpela o ouvinte em *Provérbios* identifica-se com a do pai e do mestre e, algumas vezes, é soprada dos lábios da própria sabedoria, personificada como uma mulher virtuosa; isso sem contar que a coletânea como um todo tem a rubrica da pseudoautoria de Salomão, forma de atestar-lhe autoridade. A riqueza que o pai vincula à paciência, à sabedoria da espera e da temperança é exaltada várias vezes em *Provérbios*; colocam-se sob o risco de castigos e desacertos os que se apressam em seus passos e decisões:

Feliz o homem que encontrou a sabedoria,
o homem que alcançou o entendimento!
Ganhá-la vale mais do que a prata,
e o seu lucro mais do que o ouro.
Em sua direita: longos anos; [...] em sua esquerda: riqueza e honra!
Os seus caminhos são deliciosos,
e os seus trilhos são prosperidade. (Pv 3, 13-17).

Aquele que se esmera em adquirir a sabedoria, que ama a sensatez, age como se colocasse sobre a “cabeça um formoso diadema”, como se cingisse “com brilhante coroa.” (Pv 4, 4-9.)

Aos obedientes, promissoras bênçãos; mas noutros versículos do mesmo livro paira a ameaça sobre o “devasso, que se estende, mãos e braços, em terras largas”. Essa foi justamente a escolha de André, mas, nesse momento da narrativa, ainda não está claro para Pedro os motivos que levaram o irmão a afastar-se da lavoura paterna. Lula, o caçula, que projetava em André seus anseios de liberdade, dirá também do desejo de viver prodigamente: “vou sair de casa para abraçar o mundo, vou partir para nunca mais voltar.” (p. 180-181.)

A sequência da prédica paterna traz três provérbios, didaticamente explanados, que já se incorporaram totalmente à linguagem cotidiana: “ninguém em nossa casa há de dar nunca o passo mais largo que a perna [...] ninguém em nossa casa há de colocar nunca o carro à frente dos bois [...]; e ninguém ainda em nossa casa há de começar nunca as coisas pelo teto.” (p. 55.) Obelkevich (1997, p. 44) lembra que os provérbios, os adágios, as sentenças são formas que “têm a vantagem de nos dar aquilo que foi dito por muitas pessoas em inúmeras ocasiões da vida cotidiana”. Os nossos personagens, enleados aos ritmos da terra e a seus trabalhos, lançam mão de imagens simples, relacionadas aos seres e objetos da faina rural (carro de bois), das atividades rotineiras (passo/perna), ou do trabalho (construção da casa). As inúmeras coleções de provérbios, que



praticamente todos os povos que lidam com a escrita coligiram, poderiam nos oferecer centenas de exemplos que, se não são uma tradução muito aproximada desses citados,⁶ mantêm o mesmo espírito – a apologia da paciência. O trânsito dos dizeres, a descoberta, às vezes, por meio de documentos contemporâneos, de provérbios que surgiram em lugares muito distantes, é o que autoriza os entusiastas dessas sentenças lapidares a dizerem:

A mensagem, que se cristaliza em provérbio, respalda-se na experiência; guarda, por isso, um tom afirmativo, de perenidade; beira a advertência; torna-se aconselhamento; apela para o equilíbrio; revela os limites humanos [...]. Predominam as constatações intrínsecas ao homem enquanto ser universal, em sua relação com a vida, tais como as referentes ao comportamento de seu semelhante; ao destino; ao tempo etc. (LAUAND, 1997, p. 22).

Na exortação paterna, o tempo é alçado à categoria de ente poderoso, modelador dos eventos naturais e da carne-espírito dos homens, diante dele a postura deve ser de reverência, e daí podermos aproximá-lo (o tempo) da face indecifrável de Iahweh.

Campos (1991, p. 54) transcreveu com argúcia os versículos de *Qohélet* 3, 1-9, que poderiam ser chamados de “catálogo dos tempos ou dos eventos humanos”:

1. Para tudo seu momento

E tempo para todo evento sob o céu

[...]

4. Tempo de pranto e tempo de riso

tempo de ânsia e tempo de dança

André e os irmãos do ramo esquerdo do tronco familiar, justamente os mais jovens, farão os ponteiros do relógio acelerar; impõem, movidos pelo desejo, uma outra dinâmica aos labores que construíram e mantinham aquela casa, mesmo que o resultado dessa ação volte-se contra os fundamentos dela. Outra imagem de roda e movimento pode ser evocada para dar conta dessas duas lógicas temporais: vagar, espera, paciência (pai) *versus* ânsia, pressa, gozo (filhos rebeldes). Trata-se do círculo dançante que se forma na festa ao som da flauta de um tio imigrante.



É notório que quem convoca para a dança é o patriarca, “mais certo então de que nem tudo se deteriora no porão” (p. 32). A primeira imagem evoca os trabalhos, os sulcos das rodas de carro de boi, a lavra do solo e o labor dos discursos que deixam vincos no coração dos filhos:

[...] a roda começava, [...] a deslocar-se com lentidão, primeiro num sentido, depois no seu contrário, ensaiando devagar a sua força num vaivém duro e ritmado ao toque surdo e forte dos pés batidos virilmente contra o chão, até que a flauta voava de repente, cortando encantada o bosque, correndo na floração do capim e varando os pastos, e a roda então vibrante acelerava o movimento circunscrevendo todo o círculo, e já não era mais a roda de um carro de boi, antes a roda grande de um moinho girando célere num sentido e ao toque da flauta que reapanhava desvoltando sobre seu eixo. (p. 30).

A flauta lírica é incitadora do delírio, da exorbitância, e metaforicamente podemos pensá-la como sopro-voz do autor que insufla vida e potência nos seus personagens, que desenha uma arquitetônica, uma orquestração de vozes conflituosas – o eixo direcionador do pai sofre, com a ação do filho, com o espírito dionisíaco da festa, uma torção.⁷

3 Concretude: dos tijolos, dos corpos e das imagens

Outra característica do *mathal* que se encontra nesse discurso exortativo do pai é o apelo ao concreto. Lauand (1997, p. 51) sustenta que, no caso dos idiomas árabe-semíticos, trata-se de uma questão de ênfase, pois na verdade todas as línguas têm seu arsenal metafórico, as figuras usadas para tornar mais fácil ou vivaz o exercício do ensino-aprendizagem, inclusive de princípios morais. O pai, depositário desses dizeres milenares, lança mão de imagens concretas; segundo ele, estariam guardadas

no manejo mágico de uma balança [...] toda a matemática dos sábios, num dos pratos a massa tosca modelável, no outro, a quantidade de tempo a exigir de cada um o requinte do cálculo, o olhar pronto, a intervenção ágil ao mais sutil desnível; são sábias as mãos rudes do peixeiro pesando sua pesca de cheiro forte: firmes, controladas, arrancam de dois pratos pendentes, através do cálculo conciso, o repouso absoluto, a imobilidade e sua perfeição. (p. 55-56).



A matemática, um dos exemplos máximos de formulação abstrata do pensamento, é aqui atrelada a uma rústica imagem de balança de peixeiro, com suas presumíveis ressonâncias de equilíbrio e justeza. Vejamos, em *Provérbios* 16, 11, uma imagem que associa balança e justiça: “A balança e os pratos justos são de Iahweh,/ todos os pesos da bolsa são sua obra”. O que mais nos interessa, no entanto, é o trecho: “a quantidade de tempo a exigir de cada um o requinte do cálculo, o olhar pronto, a intervenção ágil”, pois André apropria-se dessa ciência para um uso totalmente subversivo – argúcia e paciência na construção dos trilhos para as pombas apanhadas sob sua peneira de caçador. Essa travessura, tantas vezes repetida, funcionava como uma pedagogia da sagacidade, extremamente útil, para a posterior captura da pomba-irmã. Eis suas palavras, lembrando os estratagemas para seduzir as pombas, na verdade uma citação aproximada dos versos qohéletianos: “[...] porque existe o tempo de aguardar e o tempo de ser ágil (foi uma ciência que aprendi na infância e esqueci depois)” (p. 97). André usa o vocábulo geometria para falar dessa “ciência de menino”, ao mesmo tempo complicada, com suas doses de cálculo e paixão: “a linha numa das mãos, o coração na outra [...] numa das mãos um coração em chamas, na outra a linha destra que haveria de retesar-se com geometria.” (p. 100-101.)

No martelar incessante do discurso paterno, mestre de obras de uma catedral pretensamente inabalável, só chega ao “cálculo conciso [...] aquele que não deixa que um tremor maligno tome conta de suas mãos, e nem que esse tremor suba corrompendo a santa força dos braços, e nem circule e se estenda pelas áreas limpas do corpo, e nem intumesça de pestilências a cabeça.” (p. 56.)

Segundo os imperativos da moralidade judaico-cristã, as primeiras páginas do romance já trazem mãos, braços, tronco, falo convulsos pelo “tremor maligno” da masturbação:

[...] minha mão, pouco antes dinâmica e em dura disciplina [extremamente irônico], percorria vagarosa a pele molhada do meu corpo, as pontas dos meus dedos tocavam cheias de veneno a penugem incipiente do meu peito [...] enquanto enxugava a mão, agitei em seguida a cabeça para agitar meus olhos [...] escondi na calça meu sexo roxo e obscuro. (p. 10-11).

Onã, personagem citado em Gênesis 38, 8-10, de cujo nome viria o termo onanismo, praticava o que os rabis chamam de *coitus interruptus*; sendo isso a busca do prazer solitário, a verdade é que o ato é considerado grave por constituir “um verdadeiro desafio ao criador e à ordem fundamental na criação” (CHOURAQUI, 1995, p. 405). Onã será morto pela ação de Iahweh.



Não é só com a voz que André reage diante da imagem do pai, ou de tudo que ela significa, inclusive Pedro, o enviado; é com cada fibra do seu corpo, que, em polêmica aberta ou velada, ele nomeia como “escuro”, “epiléptico”, “louco”, “convulso”, “endemoniado”, “possesso”, entre tantas imagens que, logicamente contagiadas pela prédica dos deveres, não têm de onde tirar as formas opositivas senão daquele chão de dizeres um tanto maniqueísta. André sempre “ouvia nos sermões do pai que os olhos são a candeia do corpo” (p. 15), em consonância com Mateus 6, 22-23, mas, diante do irmão, repassando em turbilhão os desvios que o levaram até aquela pensão, sente seus próprios olhos como “dois caroços repulsivos”, “dois bagaços”, ele que estava “escuro por dentro” (p. 15, 16, 17).

Mergulhado na e acelerando a vertigem do tempo, “cansado de ideias repousadas, olhos afetivos, macias contorções” (p. 48), André desenha sua corporeidade em total oposição àquele imperativo de limpeza exigido pelo pai. Seu corpo é resina e lenho incandescente que quer incendiar o missal paterno; a fibra com que tece as rédeas de seu cavalo são, sim, inflamáveis:

[...] que tudo fosse queimado, meus pés, [...] as folhas que me cobriam a madeira do corpo, minha testa, meus lábios, contanto que ao mesmo tempo me fosse preservada a língua inútil; o resto, depois, pouco importava depois que fosse tudo entre lamentos, soluços e gemidos familiares. (p. 48).

Incansável em sua lavoura, o pai é peremptório:

[...] o mundo das paixões é o mundo do desequilíbrio, é contra ele que devemos esticar o arame das nossas cercas, e com as farpas [...] tecer um crivo estreito, e sobre este crivo emaranhar uma sebe viva, cerrada e pujante, que divida e proteja a luz calma e clara da nossa casa, que cubra e esconda dos nossos olhos as trevas que ardem do outro lado. (p. 56).

André, que no desenvolvimento de sua consciência descobre que os sermões do pai eram inconsistentes (a lembrar as “asas radicais da Sabedoria”, que começam a questionar a tese da retribuição), constatará ao final que o “próprio patriarca, ferido nos seus preceitos [...] fora possuído de cólera divina (pobre pai!), era o guia, era a tábua solene, era a lei que se incendiava – essa matéria fibrosa, palpável, tão concreta, não era descarnada como eu pensava, tinha substância, corria nela um vinho tinto, era sanguínea, resinosa” (p. 193).



Conclusão

Os discursos e os sujeitos que eles constituem ideologicamente não podem ter essa pretensão de pureza que o pai quer defender ferrenhamente, eles são constitutivamente heteróclitos e imiscíveis; as “cercas”, seja das estruturas linguísticas, dos gêneros discursivos, seja das verdades centralizadas, são constantemente rompidas. André, na sua sanha demoníaca de perscrutação, denuncia que, no sermão paterno, havia “enxertos de várias geografias”(p. 91).

O *Kitab al-Amthal*, livro exemplar da poesia sapiencial, é uma compilação de tradições orais e escritas das civilizações que faziam fronteira com o “movediço” povo de Israel, submetidas, reconhecamos, ao crivo da fé javista. Historiadores e exegetas têm pontuado os diálogos de *Provérbios* com tradições de povos babilônios, egípcios, entre outros.⁸ A insistência de Iohána em resguardar os domínios da casa-tradição revela, em si mesma, o temor de que os marcos fincados pelos antepassados já não gozem de tanta segurança. Não é menos vigorosa a fala dos profetas que reverbera no Antigo Testamento, imprecções lançadas na direção de um rebanho sempre na ameaça de se dispersar. Em *Lavoura arcaica*, toda a vigilância não foi capaz de impedir que germinassem naquele chão as sementes da revolta.

* **Bruno Curcino Mota** é professor do ProfLetras (Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal do Triângulo Mineiro).

Notas

¹ Segundo Lauand (1997, p. 60-61), esse seria o nome do livro bíblico de *Provérbios*; “mashal, da raiz M-Sh-L” é o equivalente ao árabe *mathal*. O mesmo autor faz uma rápida panorâmica pelas páginas das escrituras e pela citação de versículos mostrando que essa raiz é usada em múltiplos contextos para significar – além de provérbio – sátira; escarmento, exemplo; ideal a ser seguido; parábola; comparação, e ainda fala velada, enigmática, obscura.

² Os versículos do livro de *Provérbios* serão citados a partir de três fontes, conforme o matiz de sentido das versões esteja mais de acordo com nossa visada interpretativa. As siglas BJ, W e JFA que se seguem aos versos correspondem, respectivamente, à Bíblia de Jerusalém, à tradução de Adolpho Wasserman e à versão de João Ferreira de Almeida. As citações tomadas da BJ e de JFA serão transcritas em verso para respeitar a configuração dos originais na



página bíblica. As referências bibliográficas completas encontram-se no final do artigo.

³ Nas citações textuais de *Lavoura arcaica*, a obra será referida como L.A.

⁴ “The poetic character of the text is nowhere more evident than here. [...] Each proverb takes up one poetic line, and the boundaries of the line are so clearly marked by symmetries of meaning, syntax, and rhythm that for once there is an almost complete congruence between the traditional division into verses and the actual poetic lineation.”

⁵ “The smoothness [...] in a kind of verse devised to transmit the wisdom of the ages. The didactic poet does not want to set up eddies and undercurrents in the unruffled flow of his language, because the wisdom itself derives from a sense of balanced order, confident distinction, assured consequence for specific acts and moral stances.”

⁶ O surrado “Quem espera sempre alcança”, que Chico Buarque deliciosamente desconstrói em “Bom conselho” – “Está provado / quem espera nunca alcança” –, tem o seu equivalente em inglês: “Everything comes to him who wates”. Steinberg(1985, p. 80, 85) ainda cita outros: “Patientes a virtue” e “Rome was not built in a day”.

⁷ A imagem foi-nos sugerida por Wells (2007, p. 63), que, fazendo uma apologia do caráter *gauche* de André e dos artistas de uma forma geral, diz: “O contador de histórias, o escritor, o músico: cada um concebe a distância e a transforma, em uma tentativa de torcer seu eixo.”

⁸ Não deixa de ser irônico que um livro que faça tantas exigências de purismo se revele, em última instância, uma miscelânea de dizeres e saberes de várias culturas.

Referências

A BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulinas, 1985.

A BÍBLIA sagrada. Trad. João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1988.

ALTER, Robert. *The art of biblical poetry*. New York: Basic Books, 1985.

BAKHTIN, M. (V. N. Volochínov). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1995.

BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora Fornoni Bernadini. São Paulo: Editora da Unesp: Hucitec, 1998.



CAMPOS, Haroldo de. *Qohélet = O-que-sabe*: Eclesiastes: poema sapiencial. São Paulo: Perspectiva, 1991. (Signos, 13).

CHOURAQUI, André. *A Bíblia: No princípio* (Gênesis). Trad. Carlito Azevedo. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

DAMROSH, David. Levítico. In: ALTER, Robert; KERMODE, Frank (Org.). *Guia literário da Bíblia*. Trad. Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1997. p. 79-90.

LAUAND, Luiz Jean. *Provérbios e educação moral: a filosofia de Tomás de Aquino e a pedagogia árabe do mathal*. São Paulo: Hottopos, 1997.

NASSAR, Raduan. *Lavoura arcaica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

OBELKEVICH, James. Provérbios e história social. In: BURKE, Peter; PORTER, Roy (Org.). *História social da linguagem*. Trad. Alvaro Hattber. São Paulo: Ed. UNESP, 1997. p. 43-81.

ROCHA, Regina. *A enunciação dos provérbios: descrições em francês e português*. São Paulo: Annablume, 1995.

STEINBERG, Martha. *1001 provérbios em contraste*. Ditados ingleses e norte-americanos e seus equivalentes em português. Prefácio de Alfredo Bosi. São Paulo: Nova Alexandria, 1995.

WELLS, Sarah. O improvável sucessor de Nassar: a genealogia alternativa de Milton Hatoum. In: CRISTO, Maria da Luz Pinheiro de. *Arquitetura da memória: ensaios sobre os romances Dois irmãos, Relato de um certo Oriente e Cinzas do Norte* de Milton Hatoum. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007. p. 60-78.